

PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 28 DE NOVEMBRO DE 1995

Eu queria aproveitar esta oportunidade, na tarde deste encontro, para agradecer a presença de todos e as palavras proferidas pelo nosso Líder Sérgio Machado, que patrocinou também o encontro, e dizer que acho muito importante mesmo que haja organizações desse tipo, principalmente voltadas para o aspecto educacional. Acho que é muito significativo que os líderes empresariais se preocupem com esse problema.

Só lamento, primeiro, não poder pertencer, porque nunca fui presidente de empresa e já tenho bem mais de 60 anos.

*(Interlocutor não identificado):* Todos nós temos 49.

*Presidente:* É conversa. Eu queria ver se conseguia fazer uma organização para ex-Presidentes da República, porque aí talvez eu fique mais bem situado na média das idades...

Mas, enfim, acho que isso é importante. E é importante trazer o pessoal para o Brasil. Acho que nós estamos vivendo um momento em que é preciso que haja maior afirmação das nossas, não digo nem po-

tencialidades, realizações mesmo. E o conhecimento faz parte desse processo de afirmação.

Ontem eu estive lá na Febral com o Presidente da Alemanha – tinha estado anteriormente com ele lá na Alemanha e aqui em Brasília. Ele estava entusiasmado com o que viu – ele conheceu a Bahia, o Rio Grande do Sul, São Paulo; ainda ia ver o Rio e a Amazônia. E foi só um pedaço que ele viu.

A imagem que se tem não corresponde à realidade; não é que a realidade seja tão cor-de-rosa assim, mas, de qualquer maneira, não é só tão negativa, como muitas vezes a imagem do Brasil ficou marcada. Está mudando. Mas para mudar não basta que nós falemos: é preciso que as pessoas vejam, vejam o bom e vejam o ruim, mas vejam que isto aqui tem imensa potencialidade.

Está chegando aqui o nosso Ministro de Relações Exteriores, Chanceler Lampreia.

Acho também que a idéia de fazer a reunião na Amazônia é boa. Primeiro, porque sempre é um choque positivo ver aquela imensidão verde e sentir aquele calor horrível também. Mas se vê que tem ar-condicionado, dá para ver uma certa civilização nos trópicos, no Equador, quase. E, segundo, porque a Amazônia é uma das áreas a respeito das quais há menos informações objetivas, até porque nós próprios somos os primeiros a dar informações que não são muito claras. Uma revista brasileira produziu certo mal-estar porque disse que as “queimadas foram retomadas”. Você vai examinar e não se retomou queimada coisa nenhuma. Foi erro de análise, de interpretação do satélite, de não sei o quê. Mas, depois que sai algo dessa natureza, leva-se meses, anos, para dizer que não é assim, porque, claro, aí tem não só os interesses econômicos, que não são tão grandes assim, mas há interesse da própria publicidade negativa, de mostrar que tem problema e tal.

E quem conhece sobre a Amazônia, sobre o Estado do Amazonas vai ver que a preservação é imensa ainda hoje. É imensa. Isso não quer dizer que nós devamos nos descuidar da preservação, mas começa a existir, já, uma consciência ecológica muito forte no Brasil.

Naquela região, os Governadores, que antigamente tinham uma outra visão, hoje já têm uma visão muito mais adequada. E também já não estamos naquela camisa-de-força de que não se pode tocar na selva. Não! Tem-se que tocar com competência, tem-se que ser capaz de conviver com os requisitos da reprodução da natureza. Acho muito bom que se faça isso.

E acho mesmo que vocês que estão todos aí – fiquei até temeroso de falar com gente que representa o quarto PIB do mundo, uma facção que seja, disso aí – sabem, porque têm contato direto com o que está ocorrendo, que as mudanças estão ocorrendo muito depressa no Brasil.

A gente perde, muitas vezes, a perspectiva e pensa que está tudo ruim, não vai, não anda. Não é bem assim. A minha surpresa sempre foi o contrário. Quando assumi o Ministério de Relações Exteriores e tinha que sair meio pelo mundo para fazer um pouco de presença e tal, comecei a ler uma porção de dados sobre o Brasil. Nunca me esqueço de uma conversa que tive com dois jornalistas que estavam morando lá, que são conhecidos, o Paulo Francis e o Elio Gaspari. Fui almoçar com eles no dia em que fui nomeado Ministro da Fazenda do Brasil. Estava lá almoçando com eles, não tinha a menor idéia do que aconteceria. O Chanceler Lampreia sabe dos detalhes dessa questão, pois ele foi o primeiro a me confirmar que eu tinha sido nomeado mesmo no Diário Oficial, porque eu não acreditava. E, lá, tentava dizer aos dois que a visão que eles próprios tinham, naquela ocasião, estava equivocada. Por quê? Porque a economia brasileira – isso foi em 1993 – já tinha se recuperado, e sozinha, porque a bagunça estatal era imensa, a inflação era calamitosa. E, não obstante muita dificuldade, com perdas, efetivamente, houve uma recuperação muito grande do parque industrial brasileiro.

Um país que, em meio a uma desordem como aquela que nós vivemos, com a inflação e as conseqüências políticas dela, além daquelas que nós, políticos, agregamos às confusões normais que qualquer inflação produziria, conseguiu se recuperar; que estava exportando – e sempre me interessei muito pela renovação tecnológica, por aquele certificado ISO-9000; então, sempre acompanhei com muito entusiasmo o crescimento daquilo —, não é possível, esse país não é o que se está

dizendo, que nós próprios estamos dizendo. É um país que tem força e que já está em franco caminho de recuperação.

Acho que hoje isso é muito mais visível. É claro que há dificuldades. Quem lidou com a questão agrícola, com a questão financeira, como estou lidando nesses meses, sabe das dificuldades. Mas onde é que não há dificuldades? Além das dificuldades, nós temos, realmente, muitas possibilidades e muita realização, muita transformação efetiva.

Então, acho que, quanto mais conhecimento possa haver, melhor será. E todos nós sabemos que o mundo que está sendo formado agora requer contato, requer entrosamento. Não se pode pensar que, no isolamento, qualquer país possa crescer, porque não vai crescer. Isso daí não existe mais. Não existe, absolutamente, a possibilidade de o país viver num esplêndido isolamento. Vejam a China: não está se abrindo? Cuba? –, para dar exemplos extremos. Não há mais condição.

Queria lhes dizer que, para mim, algo que não tem tido a reflexão suficiente no Brasil é exatamente essa questão da abertura da economia brasileira, o impacto que isso trouxe, porque nós dobramos o nosso comércio, nos dois sentidos, em poucos anos. Nós estamos nos aproximando de 100 bilhões de dólares, nos dois sentidos. Não é nada, mas é muito, é o dobro do que nós tínhamos há três, quatro anos.

Então, isso tem conseqüências imensas, imensas. Isso ainda é muito pouco, ainda assim, quando você dobra em dois anos, e dobraram a importação e a exportação, e pode dizer: “Nós estamos batendo recorde de exportação.” Todos os meses, agora. Recorde histórico. Estamos importando, mas também estamos exportando, e quase na mesma proporção, no decorrer do ano. No decorrer desses últimos meses, temos mais exportação que importação.

Isso é uma revolução. Primeiro, porque, aqui, a competição aumentou muito, aqui dentro, é claro. Se você pôde importar, isso regularizou preços, o que ajudou enormemente o Plano Real. O Plano Real não foi só âncora cambial, âncora monetária, tudo bem, e âncora verde, também, mas teve a importação, que é um balizador imenso. Ou seja, nós temos que competir com o mundo, porque, uma vez que os mercados estejam funcionando, há uma tendência à equalização dos preços. Há

até uma lei de economia que diz isso. No comércio internacional, é o preço único, tendente à homogeneização, porque, senão, não se exporta. Na medida em que você abre a economia, isso vale aqui para dentro também.

Então, são circunstâncias absolutamente novas e, para o caso brasileiro, favoráveis, porque nós estamos sendo capazes de responder a esse desafio de uma situação internacional que obriga a mais competição. Os países que não tiverem essa condição vão sofrer muito. E, aí sim, a maquiagem não resolve. Não adianta ter *hot money*, que vem depressa, ou ter truque na área monetária. Não resolve porque, no final, o que vai resolver é a produção, é a capacidade produtiva efetiva que o país tem, e essa depende de tecnologia e de organização. Quer dizer, não é só tecnologia, não. Organização é uma técnica de publicidade, venda. Tudo isso é muito importante.

Então, acredito que uma organização de jovens – 49 anos, da criançada – uma organização desta tem, naturalmente, que estar aberta a esses desafios. E acredito que é uma contribuição ao nosso país o fato de trazer gente para cá. Certamente, terei o maior gosto de estar lá, em maio, a menos que os meus “agendeiros” – que são muitos – me impeçam de aí estar, ou que o País, de repente, entre numa convulsão dessas também inexplicáveis. Em convulsão não entra, mas, de repente, um “suspiro” que me obrigue a estar aqui para apagar algum incêndio. Mas isso, normalmente, não ocorre, pois, mesmo de longe, eu apago o incêndio... De modo que, com muito prazer, nós vamos estar juntos.

Muito obrigado a vocês. Muito obrigado pela visita.

